

## RESENHA

### O rádio de todas as vozes: as emissoras universitárias na construção de diversidade e acesso à ciência

#### Resenha do livro

ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). Rádios universitárias: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

*Luan José Vaz Chagas*

A alternância de vozes e a possibilidade de inserir as mais diferentes opiniões são dois fatores que sempre chamaram a atenção no rádio. Não à toa, os primeiros teóricos e entusiastas destacavam justamente esse poder de tornar este espaço como algo verdadeiramente comunicacional, como fez Bertolt Brecht, na virada dos anos 1920 para 1930. Erving Goffman, Walter Alves, Rudolf Arnheim são autores que destacam essa linguagem e sua capacidade única de, por meio do áudio, não depender de qualquer outra característica para se tornar uma mensagem acessível.

E é esta acessibilidade que torna as rádios universitárias instrumentos fundamentais em um momento marcado por crises políticas, sociais e agora sanitárias diante de uma pandemia. Nesta perspectiva, o livro

#### >> Como citar este texto:

CHAGAS, L. J. V. O rádio de todas as vozes: as emissoras universitárias na construção de diversidade e acesso à ciência. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 242-246, jan./abr. 2020.



#### Sobre o resenhista

**Luan José Vaz Chagas**  
[luaanchagas@gmail.com](mailto:luaanchagas@gmail.com)

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder e do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro dos grupos de pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas e CICLO – Comunicação Política e Cidadania.

*Rádios universitárias: experiências e perspectivas*<sup>1</sup> (2019), organizado pelas professoras Eliana Albuquerque (UESC-BA) e Norma Meireles (UFPB), apresenta um conjunto de pesquisas e relatos que reforçam as características da diversidade, do intercâmbio de conteúdos, da formação e da comunicação da ciência.

O livro nasceu do projeto de construção da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), iniciado no I Fórum de Rádios e TVs Universitárias realizado durante o 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em Curitiba, no Paraná, em 2018. A obra ressalta algo que a sociedade brasileira busca há 100 anos na relação com o consumo radiofônico, desde a implantação das Rádios Clube de Pernambuco (1919) e Sociedade do Rio de Janeiro (1922): uma aproximação entre as ondas sonoras e a ciência, a arte, a cultura e o cotidiano das universidades.

Se olharmos para o momento político e social que estamos vivendo, as palavras do professor e diretor do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marcelo Kischinhevsky, na apresentação do livro, destacam a importância das emissoras “não apenas como um espaço de informação sobre as atividades acadêmicas, mas como um lugar de construção coletiva do conhecimento”. É essa coletividade um marco das emissoras ligadas a instituições nos diferentes relatos do livro. As experiências de produtores, repórteres, diretores e, principalmente dos gestores destas emissoras são partes de um cenário marcado por incertezas, desafios, mas também por desejos de mudanças mesmo com poucos ou escassos recursos.

O cenário adverso das políticas públicas que diminuíram os investimentos ou tiveram uma desaceleração é uma realidade do momento, como bem destaca o pesquisador vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp) Octavio Penna Pieranti, no capítulo “Expansão do Rádio Universitário no Brasil: uma comparação entre as políticas públicas dos governos Dilma e Temer”. As questões evidenciadas pelo autor vão na contramão do crescimento do consumo de rádio nas Pesquisas de Mídia e Consumo de 2015<sup>2</sup> e 2016<sup>3</sup>

1. O livro está disponível para download gratuito no portal da Editora CCTA da Universidade Federal da Paraíba por meio do link: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/radios-universitarias-experiencias-e-perspectivas>.

2. Pesquisa Nacional de Mídia e Consumo 2015. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em maio de 2020.

3. Pesquisa Brasileira de Mídia 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em maio de 2020.

da então Secretaria de Comunicação do Governo Federal e agora, durante a pandemia, como demonstra o Kantar Ibope Mídia<sup>4</sup>.

A importância da comunicação da ciência e da acessibilidade destas informações passa pelo desafio das instituições em conseguir dar visibilidade para as ações desenvolvidas em diferentes regiões. A diversidade e presença das emissoras no “Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior”, de Ana Carolina Temer, Carlos Eduardo Esch, Edgard Rebouças, Maria Ataíde Malcher, Nair Prata, Nelía Del Bianco, Suzana Lopes e Valci Zuculoto, ressalta esses desafios. As emissoras universitárias, sejam elas ligadas a universidades públicas, privadas ou comunitárias, são ferramentas essenciais na democratização das ações das Instituições de Ensino Superior.

Durante esta pandemia, por exemplo, tanto o consumo de rádio aumentou na companhia de famílias em quarentena, como também na discussão sobre o acesso aos conteúdos científicos que levou diversas editoras a liberar pesquisas sobre Covid-19, sem custo para os leitores. Ainda nesta situação, o protagonismo das emissoras universitárias é mais uma vez demonstrado nos inúmeros conteúdos que tratam do tema e auxiliam no combate e prevenção em locais que muitas vezes compreendem desertos noticiosos do país.

Outra questão é a descrença de segmentos sociais e autoridades em relação à ciência. O papel social das emissoras passa pela oferta de conteúdos que ofereçam uma visão múltipla e aprofundada por diferentes vozes. É neste espaço que podemos contrapor os caminhos da prática declaratória, muitas vezes presente no jornalismo rápido e sem apuração. A multiplicidade de vozes vai na contramão das oligarquias locais e está presente nas mais de 100 emissoras já mapeadas pela RUBRA.

O livro demonstra outra relação de aprendizado e a importância da formação das redes radiofônicas universitárias, principalmente com a possibilidade de internacionalização de conteúdos e pesquisas. “*La coproducción internacional entre radios universitarias*”, dos pesquisadores argentinos Lucia Casajús, Noelia Giorgi e Aldo Rotman, contextualiza as possibilidades de produção em rede de emissoras universitárias nos âmbitos nacional e internacional, que vão chegar a 100 anos de transmissões desde a inauguração da Rádio da Universidad de La Plata, na Argentina, em 5 de abril de 1924.

---

4. Pesquisa do Kantar Ibope Mídia revelou que, durante a pandemia, 74% dos entrevistados afirmaram que aumentaram o tempo médio de escuta ou continuaram a ouvir rádio. O tempo médio de escuta cresceu em março, abril e maio em comparação com 2019. Disponível em: <https://br.kantar.com/mercado-e-pol%C3%ADtica/saúde-e-esporte/2020/thermometer-ed8/>. Acesso em junho 2020.

Os autores destacam a importância do primeiro encontro da Red de Radios Universitarias de Latinoamerica y Caribe (RRULAC), intitulado Desde Nuestros Acentos (“a partir de nossos sotaques”, em tradução livre), realizado em 2011, na Universidad Nacional Autónoma do México, para sensibilizar os produtores e emissoras a atuar de forma conjunta. A RRULAC seria o embrião da Red Internacional Universitaria (RIU), entidade que reúne associações de rádios universitárias das Américas e da Europa. Daí, nasceram conteúdos compartilhados em nível internacional, como *“Cuando vuelvas al ouvido”*, *“Semillas de ciencia”* e *“Somos RIU”*. O esforço da produção de conteúdos cada vez mais sensíveis aos interesses das audiências é um dos desafios também apontados pelos autores do capítulo seguinte: *“La Radio Universitaria en el contexto iberoamericano a sus casi 100 años de historia”*, do espanhol Daniel Martín Pena e do argentino Mario Giorgi, respectivamente presidente e vice da RIU, cujos argumentos reforçam a importância da internacionalização das emissoras e das pesquisas sobre rádios universitárias também no Brasil.

É importante destacar que o surgimento da primeira emissora universitária na Universidad de La Plata, em 1924, é resultado justamente de uma política pública, a reforma universitária argentina de 1918. A formação de redes e a ampliação das parcerias, segundo eles, passa pela aproximação, em décadas posteriores, com entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Unesco. São estes espaços que gerarão novas obrigações, mas também de *“preparar y disponer sus radios, plataformas y todos los dispositivos al servicio del derecho humano a la comunicación”*, assinalam Giorgi e Martín Pena (p. 144).

A aproximação entre as emissoras universitárias e os constantes desafios que enfrentam as emissoras estão presentes em todos os capítulos, a começar pelos estruturais, como os espaços de gestão. A cartografia realizada por Marcelo Kischinhevsky, Izani Mustafá e Scarlat do Vale, com resultados preliminares apresentados em *“Rádios Universitárias no Brasil – diversidade de estruturas e desafios à gestão”*, reverbera em outras pesquisas do grupo e revela um espaço repleto de potencialidades, mas que esbarra na terceirização de profissionais e nas restrições orçamentárias.

Em *“Novos modelos de negócio aplicados ao rádio universitário”*, Debora Cristina Lopez, Marcelo Freire e Luana Viana apontam caminhos que podem ser alternativas para o modelo restrito de financiamento público por meio das instituições, com diferentes possibilidades de inovação e administração de recursos que podem gerar alternativas para os gestores. Essa saúde financeira e de gestão é o que garantiria aquilo que Rafael Medeiros e Nísio Teixeira articulam, em *“Modelo de programação das rádios universi-*

tárias públicas: além dos muros do campus, a estação do conhecimento", ao tratar das programações em parceria com os cursos de comunicação das instituições, que tornam as emissoras "importantes instrumentos de participação social, formação complementar, divulgação do conhecimento e cultura" (p. 93).

A Parte 2 do livro contempla a historiografia do rádio universitário brasileiro como algo ainda "em construção", mas que destaca o papel do meio em parcerias que ampliaram as possibilidades do conhecimento sobre a universidade em diferentes regiões. Esse é o caso do que relatam Cida Golin e Ana Laura Colombo de Freitas, em "A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da Rádio da Universidade (UFRGS)", sobre a pioneira emissora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde as primeiras transmissões experimentais em 1957 até conquistar o canal de difusão em 1958. Essa perspectiva histórica perpassa a trajetória das emissoras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – que tem a terceira AM mais antiga em operação no país e uma das caçulas entre as FMs, inaugurada em 2017 –, relatada no capítulo "História das rádios da Universidade Federal de Santa Maria", assinado por Eugenia Barichello, Roberto Montagner e Cristiane de Paula Bachman.

Em "Rádio USP: dos ideais de Mário Fanucchi ao programa Universidade 93,7", Luciano Maluly e Gustavo Xavier Ferreira da Silva destacam o pioneirismo da primeira FM universitária do país, criada em outubro de 1977, com uma programação que uniu a ciência e a arte, sobretudo através da música popular. Já Carlos Gregório dos Santos Gianelli, em "Do experimental ao comercial: o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil", propõe uma reflexão sobre regulação e as estratégias do rádio brasileiro ao longo dos anos, entre o experimentalismo e os imperativos do mercado.

Por fim, a Parte 3 do livro, "Formação profissional, divulgação científica e democratização da comunicação", reforça os argumentos trabalhados até aqui. O contraponto ao coronelismo eletrônico, a rádio escola e a formação de novos profissionais são parte do cotidiano das emissoras da Universidade Federal de Pernambuco apresentado por Ana Veloso e vários colegas, em "Rádios Universitárias da UFPE: Rádio escolas e espaços para a democratização da comunicação". A produção científica e a democratização destas pesquisas com a diversificação das vozes sobre o tema em São Paulo também estão no capítulo de Adriana Donini, "Ciência em programas veiculados por rádios de universidades públicas do Estado de São Paulo".

Em "Primeira Hora, a web rádio do Ielusc: prática da teoria", Ciro Götz discute o processo de ensino-aprendizagem em mídia sonora dos estudantes da instituição de Santa

Catarina. Algo que também permeia o cotidiano da emissora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no Sul da Bahia, envolvendo tanto dinâmicas de ensino, como o protagonismo das ações de extensão universitárias, como destacam Eliana Albuquerque e outros em "Rádio Uesc: ensino, pesquisa, extensão e protagonismo social". Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os relatos de inclusão e experiências inovadoras da democratização do espaço universitário permeiam o capítulo assinado por Eneida Leão Teixeira e Ana Cláudia Theme, "Rádio UERJ: a universidade sem fronteiras".

É importante ressaltar o quanto o eixo do rádio, como espaço de formação complementar, reúne relatos como os de Kátia Fraga ("Rádio Universitária 100,7 FM como espaço de aprendizagem e experimentação"), de Luiza Aguiar dos Anjos e Marina de Mattos Dantas ("Óbvio Uvulante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária"), de Pricilla Andrade ("Web Rádio Uneb/Campus XIV Coité/BA: experimentalismo, educação online e comunicação não-violenta") e de Olga Tavares e Norma Meireles ("Nas ondas da rede: Web Rádio Porto do Capim"), com experiências envolvendo estudantes em diferentes esferas das atividades da extensão e de ensino.

Ainda neste sentido, em que é possível também realizar paralelos com a ideia de espaço universitário plural, democrático e abrangente, ou então na divulgação das ações do ensino superior, estão inseridos os artigos de Sérgio Magson Dionizio e José Carlos Marques, "Rádio pública e programação musical independente: um estudo de caso da Unesp FM", e de Sônia Caldas Pessoa, "Web Rádio Terceiro Andar: experiências de afetos e ensino-aprendizagem em rádio e mídias digitais" – este uma interessante reflexão sobre como o processo de ensino-aprendizagem pode ir além do espaço de trocas e reforçar o dialogismo por meio de experiências afetivas.

Já Valci Zuculoto e sua equipe, em "Ensino-aprendizagem nas coberturas jornalísticas da Rádio Ponto UFSC", evidenciam as possibilidades de cobertura noticiosa, dos acontecimentos dentro e fora da universidade, numa web rádio pioneira. A emissora leva utilidade pública e aprofundamento das informações explorando, como um laboratório de ensino de radiojornalismo, desde questões sobre ciência até a narração de competições esportivas.

Todas as questões abordadas no livro marcam a importância desta obra na historiografia do meio e na construção de ações de diversidade, universalidade, e ampliação do diálogo entre a comunidade universitária e a sociedade. Os eixos em que as emissoras estão inseridas, demonstram nos relatos de experiência e nas análises uma sofisticação das produções, os desafios a enfrentar na gestão destas emissoras, mas também o reconhecimento de que está neste espaço a saída para muitos dos questionamentos que cercam a ciência e o conhecimento em nosso país. ■